

A TRANSDISCIPLINARIDADE NO ESTUDO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Josimey Costa da Silva¹

Sem comunicação, não há vida humana; sem encontro, também não.

O que deveria ser a afirmação de uma obviedade, não o é, por várias razões. Uma delas é que as sociedades ocidentais contemporâneas parecem apontar, incessantemente, para a insularização dos seres humanos, cada vez mais presos em suas individualidades indevassáveis e bombardeados pela informação que ocupa espaços sempre maiores em detrimento da comunicação, entendida aqui como um conceito e uma prática muito mais complexos e abrangentes² que o mero trânsito da mensagem entre um emissor e um receptor por meio de um canal.

De acordo com Boris Cyrulnik, “tudo o que existe se encontra” (CYRULNIK, 1995: p. 16), pois, se não houvesse o encontro, se o universo de um ser humano fosse privado de outros, este ser só teria a si mesmo para se dar, atravessando uma existência sem troca e sem descoberta, sem emoção e condenada irremediavelmente pela rotina. O encontro gera um campo sensorial que descentra o indivíduo e estabelece a diferença fundamental entre vida e morte. Para comprová-lo, basta que se recorra à relação mãe-filho, que garante a sobrevivência dos recém-nascidos humanos e é plena de sensorialidade; portanto, plena de encontro e emoção.

O encontro é uma ocorrência bastante clara quando se trata da comunicação interpessoal, que muitas vezes se dá na presença concreta dos corpos, ou seja, no presente. Porém, o encontro atual muitas vezes requer uma outra forma de comunicação, que é social e tecnologicamente midiaticizada e que comporta os conceitos de indústria cultural e de cultura e comunicação de massa. Uma massa que de jeito nenhum se apresenta como homogênea; há policentrismo na cultura massificada. Embora a produção simbólica feita industrialmente seja dirigida a um público universal, a um conjunto indiferenciado de seres humanos, a recepção se dá naquela zona obscura e imprecisa entre o individual e o social, que compõe cada ser humano. Isso acaba por se refletir inclusive na produção, guiada pelos ditames de um sistema econômico que tanto produz como absorve as idiosincrasias do consumo e, por isso, tem admitido crescentemente a segmentação de mercados.

¹ Doutora em Ciências Sociais – Antropologia, professora do Departamento de Comunicação Social e coordenadora da linha de pesquisa Corporeidade, Artíficos e Fluxos, do Gemini – UFRN.

² A palavra comunicação, do ponto de vista etimológico, vem do latim *communicatio - onis*, e deriva da raiz *communis*, comum, ou seja: pertencente a todos ou a muitos. Comunicar, portanto, pode ser entendido como o ato de fazer saber algo para o tornar comum, como criação de vínculos.

As ainda recentes modificações no mundo do trabalho e das possibilidades de relativa singularização do receptor representadas pelas redes informatizadas igualmente testemunham a favor dessa perspectiva. Contudo, também aí não se pode prever um desenvolvimento homogêneo, uma vez que a desigualdade da distribuição de renda em escala planetária dota uns com os recursos para acesso às mídias, enquanto outros ficam totalmente excluídos.

Como se sabe, as massas surgiram, histórica e sociologicamente, a partir do estabelecimento da democratização política e da industrialização técnica na Europa em torno dos anos 20. Nas décadas seguintes, as massas foram cada vez mais vistas como parte de uma cultura característica das sociedades industriais, marcadas pelas relações de caráter impessoal, fragmentário e indiferente, tudo isso como resultado do capitalismo liberal, instaurador da economia de mercado e da sociedade de consumo. Esta perspectiva de análise pôde se estabelecer com base nas contribuições do marxismo e, posteriormente, dos teóricos identificados pelo rótulo de Escola de Frankfurt,

Ao mesmo tempo em que essa situação reforça o tributo que a estrutura do conhecimento ocidental no presente concede à massificação e à técnica, ela também resulta de um desenvolvimento que a história da epistemologia assinala. A partir de Descartes³ e da Revolução Francesa (1789), o mundo ocidental foi marcado pelas rupturas políticas, com a ascensão das democracias como regimes preferenciais, e pela exacerbação de novos valores, os modernos. Esse processo também foi impregnado pelo Iluminismo, que apregoou a supremacia da razão para *iluminar* o conhecimento do mundo, o que fez com que a ciência ocupasse o lugar de legitimadora da verdade. Esse era um papel que antes cabia, preponderantemente, à religião.

Tal período histórico representou uma ruptura paradigmática: as sociedades ocidentais começaram a migrar da tradição para a mitificação do novo, para a urbanização e a racionalização. Como consequência disso e da supremacia da razão, ocorreram avanços tecnológicos que viabilizaram a industrialização generalizada a partir do início do Século XX, seguidos da massificação cultural proporcionada pelas mídias tecnológicas.

O avanço da técnica e a supremacia da razão em detrimento de outras formas de tratamento da realidade são especialmente fragmentadores da cultura e do

³ René Descartes (1596-1650), francês considerado o fundador da filosofia moderna. O método cartesiano privilegia o pensamento racional para compreensão da realidade e revoluciona todos os campos do conhecimento ao possibilitar o desenvolvimento da ciência moderna e o domínio da natureza.

conhecimento, criando as condições para uma crescente especialização dos saberes, também resultado da divisão industrial do trabalho. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), há uma enorme expansão da capacidade produtiva das nações, com os Estados Unidos na ponta da escalada capitalista, e um extraordinário desenvolvimento do sistema universitário mundial. Tudo isso setorizou grandemente o saber em disciplinas com terminologias e metodologias próprias, aprofundando o fosso já cavado entre ciência, religião e arte. Dentro da ciência, outro fosso também aumentava: o que distinguia ciências da natureza ciências humanísticas.

No entanto, no mesmo período, outro movimento tinha lugar e borrava as fronteiras entre economia, ciência política e sociologia, cada vez mais dependentes da fundamentação oferecida pela perspectiva histórica. A história também se transformava para, muitas vezes a partir daí, se basear nas ciências sociais⁴. Na seqüência, a contextualização histórica passou a ser um imperativo de qualquer estudo que envolvesse reflexões sobre a cultura, fosse na antropologia ou na comunicação social.

Também no mercado de trabalho, a própria especialização extrema acabou produzindo uma outra necessidade contemporânea: a do profissional flexível, adaptável. As novas teorias da administração e gerenciamento falam desse novo profissional, multivalente. É certo que, apesar de todos os esforços dos monopólios e das grandes centrais capitalistas, o rádio, a televisão e os jornais, além de reproduzirem os simulacros, tornaram-se também elementos de uma multiplicação generalizada de visões de mundo. Assim, quem poderá prever, sem medo de errar, que encontros ocorrerão a partir dos avanços da interatividade na comunicação midiática? E como fica a construção do conhecimento em meio a isso tudo?

CONHECIMENTO E CORPOREIDADE

Conhecer é um processo de extrema complexidade, e tentar compreender como ocorre esse processo requer operações mentais bastante sofisticadas. O conhecimento envolve a inteligência, o pensamento e a consciência, que são resultado de inter-retroações computantes-cogitantes que constituem a base das atividades cerebrais. A inteligência, o pensamento, e a consciência formam um problematizador/solucionador que podem interrogar o incognoscível e o inconcebível MORIN (1986).

⁴ O Relatório da Comissão Gulbenkian, que analisa o percurso das Ciências Sociais no Ocidente, está em **Para abrir as Ciências Sociais** (1996).

Evidentemente, nada disso é possível sem o corpo. Para conhecer, antes é preciso perceber; e para se ter consciência da percepção, é necessária a ajuda da linguagem. Falar sobre algo não é só descrevê-lo, mas é verdadeiramente construir um mundo: o mundo do conhecimento humano atual, constituído daquilo sobre o que é possível falar e transmitir aos semelhantes e às gerações futuras, mesmo o que seja inicialmente apenas sensível e aflore à consciência na forma de imagens mentais.

Conhecer significa também lembrar. A realidade se faz presente através da representação, que faz com que o percebido adquira sentido. A representação, enquanto imagem mental, identifica-se com a realidade exterior no ato da percepção, mas desdobra-se dela no ato da rememoração e faz com que o conhecimento se fixe no espírito cognoscente.

É no corpo que tudo isso se realiza. A memória, incrustada num corpo que também tem memória de si próprio, é o resultado de trocas permanentes, em que as delimitações são difíceis. O ato de recordar, individual, é uma questão não de reprodução, mas de construção, completamente entretido da memória social. A memória social é uma narrativa presente na linguagem coloquial, cotidiana, mas nos objetos e nos textos da cultura⁵. A utilização e atualização deles é o que faz viva uma sociedade, pois desde os gregos, “mortos são aqueles que perderam a memória” (NOVAES, 1988: p. 9).

O conhecimento é, então, uma mistura de perceber e lembrar, de selecionar e relacionar, de incorporar e comunicar. A percepção envolve os processos integrados de ver e ouvir, cheirar e tocar, trazer sabores ao paladar e realizar tudo isso em permanente propriocepção. Do mesmo modo, o conhecer reúne a percepção e a intelecção, o sentir e o pensar, o fazer o que é experimentado emocionalmente aflorar à consciência. Essas operações são um *continuum*, e as distinções entre elas são um artifício didático.

Um simples olhar pode se revelar extremamente complexo ao mais superficial exame. À consciência, parece que o real se dá a perceber em si mesmo quando olhado. Mas como esquecer a questão do foco do olhar? O olhar é cultural. Uma visão treinada para perceber os detalhes de uma floresta vai descobrir nela sinais onde muitos cidadãos urbanos só enxergam uma massa verde indistinta. Por sua vez, a selva de pedra, reduto

⁵ Cultura é o que, numa sociedade, organiza e é organizado através da linguagem, com base nos conhecimentos e aptidões adquiridos coletivamente, na memória histórica e nas crenças míticas do conjunto de seus integrantes. Para maior aprofundamento sobre o conceito ver MORIN (1998: 17).

por excelência da comunicação social midiaticizada, exige anos de treinamento para ser significativa, pois à primeira vista tende a afogar o seu *flanêur* desavisado num oceano de sinais gráficos, luminosos e sonoros em balbúrdia constante.

Norval Baitello Jr. assinala que as imposições da vida urbana moderna têm alterado corporalmente as pessoas. O olfato é uma das principais vítimas da contemporaneidade, saturada de odores sintéticos, poluição e alergias respiratórias. Entretanto, a percepção do próprio corpo, ou propriocepção, que o autor classifica com um sexto sentido corporal, também está sob risco, assim como o paladar e, talvez, o tato; ou seja, os sentidos da proximidade. A exacerbação dos sentidos da distância – visão e audição – não pode se dar sem o embotamento dos demais (NORVAL, 2000).

Da mesma forma, o conhecimento se dilui na fragmentação. Ainda que a supremacia da razão seja o intento, o interesse e a atenção – que decorrem precisamente de fatores emocionais – podem guiá-la sem que ela disso se aperceba. Se apenas as partes são analisadas, o encadeamento delas em um todo complexo jamais poderá ser inteligível.

Como é possível entender, por exemplo, o funcionamento do coração sem compreender a interferência do cérebro no ritmo dos batimentos cardíacos? Como deslindar a formação da linguagem sem decifrar a construção do pensamento abstrato, processo psicológico que se dá a partir da linguagem, na própria linguagem? E como alcançar tudo isso sem contextualizar historicamente os processos simbólicos envolvidos?

COMUNICAÇÃO TRANSDISCIPLINAR

A segunda metade do Século XX não aproximou somente as subdivisões das ciências sociais e a história, mas abrigou o surgimento de ciências polidisciplinares, como é o caso da cosmologia e da ecologia. Segundo François Luçart, a interdisciplinaridade pode estimular a imaginação do pesquisador ao lhe proporcionar o conhecimento das problemáticas e dos métodos das outras disciplinas (LUÇART, 1997: 164). Indo além da interdisciplinaridade, aquelas novas formas de abordagem do mundo compõem um panorama ainda mais complexo para o processo do conhecimento por não operarem a partir da fragmentação dos saberes.

Ao contrário da acepção corrente, indicativa de complicação, a palavra complexidade deriva do latim *complexus*, e refere-se a reunião ou abraço, ao que serve para unir, ao que se tece junto (MORIN, 2001). É complexo o que não pode ser reduzido a uma unidade simples, o que perde sentido ao ser isolado do contexto em que

se insere. Assim, uma disciplina fechada em si mesma pode dar conta de um segmento muito limitado da realidade, mas não de um objeto complexo, como é o caso do meio ambiente terrestre, que exige o aporte de muitas disciplinas.

O agrupamento de disciplinas pode ser melhor compreendido com a contribuição de Denys de Béchillon, que distingue elucidativamente os termos *pluridisciplinaridade*, que supõe uma simples justaposição de olhares específicos a cada disciplina; *interdisciplinaridade* como um escape dos limites disciplinares, mas a partir de um campo teórico determinado e pressupondo a articulação de saberes; e *transdisciplinaridade*, em que se faz necessária uma integração de diferentes disciplinas, construída a partir da hipótese de uma linguagem nova e comum entre elas (BÉCHILLON, 1997: p. 187).

As dificuldades recorrentes da delimitação do campo disciplinar da comunicação social humana têm muito a ver com a sua complexidade enquanto área do conhecimento. A comunicação está na base de qualquer socialização e na origem de todas as culturas. A comunicação começa nos processos intracelulares do corpo, prosseguindo no contato interpessoal e abrangendo as mídias como meios de extensão corporal, como ampliação necessária do alcance dos sentidos em sociedades complexas.

Para fundar qualquer disciplina, é preciso comunicação, assim como muitas disciplinas são requeridas para a análise dos processos comunicacionais. O estudo da comunicação reivindica conceitos da semiótica, que está apoiada na lingüística e na filosofia. Porém, a comunicação não são só signos, e a compreensão do seu sentido exige a apreensão do contexto em que se realizam. É necessário recorrer à história e à antropologia, disciplinas que se referem à sociedade. No âmbito social, contudo, conceitos e métodos da sociologia são imprescindíveis. A sociedade, por sua vez, é composta por indivíduos, em cujos psiquismos se originam os processos de significação e socialização. Urge consultar a psicologia, a psicanálise, a etologia, que também se apoia na neurologia. A listagem, pois, praticamente não tem fim.

Estudar a comunicação social de uma maneira mais conseqüente e profunda é um exercício de transdisciplinaridade, a qual é, em última instância, uma característica da própria comunicação. Esse exercício, porém, não é uma tentativa de totalização, de resto completamente inalcançável para qualquer humano, basicamente um ser da incompletude. Sequer trata-se de um novo conceito para a busca do conhecimento, caso se considere a filosofia em seus primórdios, quando a palavra significava afinidade pelo saber, sem setorização limitante.

Saber sobre a comunicação, saber como saber e como comunicar esse saber é superar a miséria informacional resultante não só dos meios de comunicação massiva, mas também da fragmentação cartesiana, disciplinar, das certezas inabaláveis e dogmáticas, repletas de verdades únicas e de meios que justificam os fins. Se “a verdade científica é, ela própria, de natureza histórica” (Op. cit., 1996: p. 87), como ignorar tudo o que, pelo recurso da comunicação, confere à história humana o seu estatuto de verdade?

A ciência é uma narrativa, entre muitas possíveis, e é preciso conhecê-la. Para conhecê-la, é preciso saber que ela é múltipla, composta de muitos campos que sim, se comunicam inapelavelmente. O lugar da comunicação é aí inequívoco, e o estudo dessa comunicação não é fácil nem pode ser fragmentário. A consciência de que o todo é sempre maior do que a soma das partes é o caminho para que o conhecimento e a comunicação sejam sustento na construção do futuro da espécie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JR., Norval. Imagem e violência: a perda do presente *in* São Paulo em Perspectiva, vol. 13/no 3. São Paulo: Fundação SEADE, 2000.

BALANDIER, Georges. O contorno: poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BÉCHILLON, Denys de. La notion de transdisciplinarité. *In*: Revue du Mauss Semestrielle: Guerre et Paix entre les sciences disciplinarité, inter e transdisciplinarité. N° 10 / Segundo semestre. Paris: La Découverte, 1997.

BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado. São Paulo: Paz e Terra: 1992.

CONTRERA, Malena Segura. Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: AnnaBlunme/FAPESP, 2002.

CYRULNIK, Borys. Os alimentos do afeto. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1991.

- LUÇART, François. Pour une épistémologie négative: disciplines e frontières. *In*: Revue du Mauss Semestrielle: Guerre et Paix entre les sciences disciplinarité, inter e transdisciplinarité. N° 10 / Segundo semestre. Paris: La Découverte, 1997.
- MORIN, Edgar. O Método III: conhecimento do conhecimento. Portugal: Europa-América, LDA, 1986.
- MORIN, Edgar. O Método IV: as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. Vol. I e II, Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1990.
- MORIN, Edgar. A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- O Olhar / Adauto Novaes... [et al]. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ORTEGA Y GASSET, José. A revolução das massas. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- Para abrir as Ciências Sociais. Relatório da comissão Gulbenkian para Reestruturação da Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 1996.
- SENNET, Richard. O declínio do homem público. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VATTIMO, Gianni. Ciências humanas e sociedade de comunicação. *In*: A sociedade transparente. Lisboa: Edições 70, 1991.